

“Grisham escreve uma tragédia americana  
e seu melhor thriller jurídico, ainda mais emocionante  
por ter acontecido de verdade.”

*Entertainment Weekly*

# JOHN GRISHAM

---

## O HOMEM INOCENTE

*Uma história real de crime e injustiça*



O livro que  
inspirou a série  
documental  
da Netflix  
**INOCENTE**

# John Grisham

## O HOMEM INOCENTE



Dedicado a  
Annette Hudson e Renee Simmons,  
e à memória de seu irmão

# 1

As colinas onduladas no sudeste de Oklahoma se estendem desde Norman até o Arkansas e exibem poucas evidências dos enormes depósitos de petróleo cru que um dia estiveram sob elas. Algumas velhas estruturas de extração de petróleo salpicam a zona rural; as ativas se movimentam, bombeando poucos litros a cada giro vagaroso e fazendo com que algum passageiro pergunte se o esforço vale mesmo a pena. Muitas simplesmente desistiram e permanecem imóveis na paisagem, como lembranças corroídas dos gloriosos dias de poços jorrando, especuladores e fortunas instantâneas.

Há estruturas espalhadas pelas áreas agrícolas ao redor de Ada, uma velha cidade petrolífera de dezesseis mil habitantes, com uma faculdade e um tribunal de condado. Mas elas estão paradas: o petróleo acabou. Atualmente ganha-se dinheiro em Ada por hora, em fábricas, moinhos de ração e fazendas de noz-pecã.

O centro da cidade é um lugar movimentado. Na Main Street não há prédios vazios nem com janelas cobertas por tábuas. Os comerciantes sobrevivem, ainda que boa parte dos negócios tenha se mudado para os arredores da cidade. Os restaurantes ficam lotados na hora do almoço.

O Tribunal do Condado de Pontotoc é velho, apertado, abarrotado de advogados com seus clientes. Ao redor fica o amontoado usual de prédios oficiais e escritórios de advocacia. A cadeia – um abrigo antibombas atarracado e sem janelas –, por algum motivo, foi construída no gramado do tribunal. O flagelo da metanfetamina a mantém cheia.

A Main Street termina no campus da East Central University, lar de quatro mil estudantes, e muitos deles se deslocam diariamente para ir e voltar da universidade. A instituição injeta vida no local com o novo suprimento de jovens e um corpo docente que acrescenta diversidade ao sudeste de Oklahoma.

Poucas coisas escapam do *Ada Evening News*, uma publicação vigorosa que cobre a região e se esforça muito para competir com o *The Oklahoman*, o maior jornal do estado. Geralmente saem notícias nacionais e internacionais na primeira página, em seguida vêm as estaduais e regionais, e depois competições esportivas do ensino médio, política local, eventos comunitários e obituários.

A população de Ada e do Condado de Pontotoc é uma mistura agradável de sulistas de cidade pequena e pessoas independentes vindas do oeste. O sotaque poderia ser do leste do Texas ou de Arkansas. É a região dos Chickasaw. Oklahoma tem mais nativos americanos do que qualquer outro estado, e depois de cem anos de mestiçagem muitos brancos têm sangue indígena. O estigma está sumindo rapidamente; na verdade, agora as pessoas têm orgulho dessa herança.

O Cinturão da Bíblia corta Ada em cheio. A cidade tem cinquenta igrejas de uma dezena de ramos do cristianismo. São locais ativos, e não somente aos domingos. Há uma igreja católica e uma para os episcopais, mas nem uma única sinagoga. A maioria das pessoas é cristã ou diz que é, e espera-se que todos pertençam a alguma igreja. O status pessoal costuma ser definido pela afiliação religiosa.

Com seus dezesseis mil habitantes, Ada é considerada grande para a área rural de Oklahoma e atrai fábricas e lojas *outlet*. Trabalhadores e consumidores chegam de vários condados. Fica 130 quilômetros ao sul de Oklahoma City e três horas ao norte de Dallas. Todo mundo conhece alguém que trabalha ou mora no Texas.

A maior fonte de orgulho local são os negócios com cavalos quarto de milha. Alguns dos melhores animais são criados por fazendeiros de Ada. E quando os High Cougars de Ada ganham mais um título estadual no futebol americano, a cidade se vangloria disso durante anos.

É um lugar amigável, cheio de gente que fala com desconhecidos e sempre uns com os outros, ansiosa para ajudar qualquer um que precise. As crianças brincam em quintais à sombra. As portas ficam abertas durante

o dia. Os adolescentes andam de carro durante a noite causando poucos problemas.

Não fossem dois assassinatos famosos no início da década de 1980, Ada passaria despercebida pelo mundo. E isso teria sido ótimo para o bom povo do Condado de Pontotoc.

COMO SE POR algum regulamento não escrito da prefeitura, a maioria das boates e dos bares de Ada ficava na periferia, banidos para as bordas da cidade com o objetivo de manter a gentinha e suas ofensas longe das pessoas distintas. A Coachlight era um desses lugares, uma enorme construção de metal com iluminação ruim, cerveja barata, jukeboxes, uma banda nos fins de semana, pista de dança e, do lado de fora, um amplo estacionamento com chão de cascalho onde havia muito mais picapes empoeiradas do que sedãs. Os fregueses eram o esperado: operários das fábricas atrás de uma bebida antes de ir para casa, rapazes do interior em busca de diversão, jovens no fim de noite e o pessoal que gostava de dançar e se divertir, que ia para escutar música ao vivo. Vince Gill e Randy Travis tinham passado por ali no início da carreira.

Era um local popular e movimentado, e empregava em meio expediente muitos barmen, seguranças e garçonetes. Uma delas era Debbie Carter, de 21 anos, uma garota da cidade que havia terminado o ensino médio na Ada High School alguns anos antes e estava aproveitando a vida de solteira. Tinha outros dois empregos de meio expediente e, de vez em quando, também trabalhava como babá. Debbie tinha seu próprio carro e morava sozinha num apartamento em cima de uma garagem na 8th Street, perto da East Central University. Era uma garota bonita, de cabelos escuros, magra, atlética, popular com os rapazes e muito independente.

A mãe dela, Peggy Stillwell, se preocupava com o fato de Debbie passar tempo demais na Coachlight e em outras boates. Não tinha criado a filha para viver assim; na verdade, Debbie tinha crescido na igreja. Mas depois do ensino médio começou a querer ficar na rua até tarde. Peggy era contra isso e, de vez em quando, as duas brigavam por causa do novo estilo de vida da jovem. Debbie decidiu ser independente. Encontrou um apartamento, saiu de casa, mas continuou muito próxima da mãe.

Na noite de 7 de dezembro de 1982, Debbie estava trabalhando na

Coachlight, servindo bebidas e olhando o relógio. A noite estava pouco movimentada e ela perguntou ao chefe se poderia encerrar o expediente mais cedo para sair com amigos. Ele não negou, e logo ela estava sentada a uma mesa, bebendo com Gina Vietta, uma amiga íntima da época de escola, e mais algumas pessoas. Outro amigo de escola, Glen Gore, passou e chamou Debbie para dançar. Ela foi, mas no meio da música parou de repente e se afastou de Gore com raiva. Mais tarde, no banheiro feminino, disse que se sentiria mais segura se uma amiga passasse a noite em sua casa, mas não contou o que a preocupava.

A Coachlight ia fechar cedo, por volta de meia-noite e meia, e Gina Vietta convidou várias pessoas do grupo para tomar mais uma bebida em seu apartamento. A maioria concordou, mas Debbie estava cansada, com fome, e só queria ir para casa. Todos saíram da boate sem muita pressa.

Várias pessoas viram Debbie no estacionamento conversando com Glen Gore enquanto a Coachlight estava fechando. Tommy Glover a conhecia bem, porque trabalhava com ela numa fábrica de vidros da cidade. Também conhecia Gore. Enquanto Glover estava entrando em sua picape para ir embora, viu Debbie abrir a porta do motorista de seu carro. Gore apareceu do nada, os dois se falaram durante alguns segundos, e em seguida ela o empurrou.

Mike e Terri Carpenter trabalhavam na Coachlight, ele como segurança e ela como garçonete. Enquanto iam até seu carro, passaram pelo de Debbie. Ela estava sentada diante do volante, falando com Glen Gore, que se encontrava de pé ao lado da porta do carona. Os Carpenters acenaram e continuaram andando. Um mês antes, Debbie tinha dito a Mike que sentia medo de Gore por causa do temperamento dele.

Toni Ramsey trabalhava na boate engraxando sapatos. Em 1982, a indústria do petróleo ainda era forte em Oklahoma. Muitas botas de qualidade caminhavam por Ada. Alguém precisava engraxá-las, e com isso Toni ganhava um dinheiro do qual precisava muito. Ela conhecia Gore muito bem. Quando saiu naquela noite, viu Debbie sentada diante do volante. Gore estava fora do carro, do lado do carona, agachado junto à porta. Os dois conversavam de um modo aparentemente civilizado. Nada parecia estranho.

Gore não tinha carro, havia ido de carona para a Coachlight com um conhecido chamado Ron West, e chegara por volta das onze e meia. West pediu cervejas e se acomodou para relaxar, enquanto Gore circulava. Ele pa-

recia conhecer todo mundo. Quando foi anunciado que a boate iria fechar, West foi falar com Gore e perguntou se ele ainda precisava de carona. Preciso, disse Gore, por isso West foi até o estacionamento e ficou esperando. Alguns minutos se passaram, então Gore apareceu apressado e entrou.

Os dois chegaram à conclusão de que estavam com fome, por isso West foi até um lugar no centro da cidade chamado Waffler, onde os dois pediram um lanche rápido. West pagou pela refeição, assim como tinha pagado pelas bebidas na Coachlight. Havia começado a noite na Harold's, outra boate, aonde fora procurar alguns colegas de negócios. Em vez disso tinha encontrado Gore, que trabalhava lá ocasionalmente como barman e DJ. Os dois mal se conheciam, mas quando Gore pediu uma carona até a Coachlight, West não pôde negar.

West era bem casado, pai de duas meninas pequenas, e normalmente não ficava até tarde em bares. Queria ir para casa, mas estava preso com Gore, que ia ficando mais caro a cada hora. Quando os dois saíram da lanchonete, West perguntou aonde o carona queria ir. Para a casa da mãe, disse Gore, na Oak Street, alguns quarteirões ao norte. West conhecia bem a cidade e foi naquela direção, mas antes de chegarem à Oak Street Gore mudou de ideia subitamente. Depois de ficar com West durante várias horas, Gore queria conversar. A temperatura estava gélida e continuava a cair, com um vento cortante. Uma frente fria se aproximava.

Pararam perto da Igreja Batista da Oak Avenue, não longe de onde Gore disse que sua mãe morava. Ele desceu do carro, agradeceu por tudo e começou a andar em sentido oeste.

A Igreja Batista da Oak Avenue ficava a cerca de um quilômetro e meio do apartamento de Debbie Carter.

Na verdade, a mãe de Gore morava do outro lado da cidade, muito longe da igreja.

Por volta de duas e meia da manhã, Gina Vietta estava em seu apartamento com alguns amigos quando recebeu dois telefonemas incomuns, ambos de Debbie Carter. No primeiro, Debbie pediu para Gina ir buscá-la porque alguém, uma visita, estava em seu apartamento e deixando-a desconfortável. Gina perguntou quem era, quem estava lá. A conversa foi interrompida por vozes abafadas, sons de uma briga para pegar o telefone. Gina ficou preocupada e achou o pedido estranho. Debbie tinha carro, um Oldsmobile 1975, e certamente poderia ir sozinha a qualquer lugar. En-

quanto Gina saía apressada do apartamento, o telefone tocou de novo. Era Debbie, dizendo que tinha mudado de ideia, que as coisas estavam bem, para não se incomodar. Gina perguntou de novo quem era a visita, mas Debbie mudou de assunto e não quis dizer seu nome. Pediu para Gina ligar para ela de manhã, acordá-la para que ela não chegasse tarde no trabalho. Era um pedido estranho, que Debbie nunca tinha feito.

Gina chegou a pegar o carro, mas hesitou. Tinha convidados no apartamento. Era muito tarde. Debbie Carter podia cuidar de si mesma. E, além disso, se ela estava com um cara no quarto, Gina não queria se intrometer. Gina foi para a cama e se esqueceu de ligar para Debbie algumas horas mais tarde.

Por volta das onze horas do dia 8 de dezembro, Donna Johnson passou na casa de Debbie para dar um oi. As duas tinham sido amigas no ensino médio antes de Donna se mudar para Shawnee, a uma hora de distância. Ia passar o dia na cidade para ver os pais e se encontrar com alguns amigos. Enquanto subia rapidamente pela estreita escada externa do apartamento em cima da garagem, diminuiu a velocidade ao perceber que estava pisando em cacos de vidro. A janelinha da porta estava quebrada. Por algum motivo, seu primeiro pensamento foi que Debbie trancara as chaves dentro de casa e fora obrigada a quebrar uma janela para entrar. Donna bateu à porta. Não houve resposta. Depois ouviu música vindo do rádio lá dentro. Quando girou a maçaneta, percebeu que a porta não estava trancada. Bastou dar um passo para dentro para perceber que havia algo errado.

A pequena sala estava uma bagunça: almofadas do sofá jogadas no chão, roupas espalhadas. Na parede da direita alguém havia escrito com algum tipo de líquido avermelhado as palavras “Jim Smith próximo morrer”.

Donna gritou o nome de Debbie; não houve resposta. Ela já estivera no apartamento uma vez, por isso foi rapidamente até o quarto, ainda chamando a amiga. A cama tinha sido empurrada, todas as cobertas haviam sido arrancadas. Viu um pé. Depois, no chão do outro lado da cama, viu Debbie – de rosto para baixo, nua, cheia de sangue, com alguma coisa escrita nas costas.

O pavor deixou Donna paralisada, incapaz de dar um passo; em vez disso, ficou olhando a amiga e esperando que ela respirasse. Talvez fosse só um sonho, pensou.

Recuou e entrou na cozinha, onde, numa mesinha branca, viu mais pa-

lavras escritas pelo assassino. Ele ainda podia estar ali, pensou de repente, então saiu correndo do apartamento para o carro. Partiu em alta velocidade até uma loja de conveniência, onde encontrou um telefone e ligou para a mãe de Debbie.

Peggy Stillwell ouviu as palavras, mas não pôde acreditar. Sua filha estava caída no chão, nua, ensanguentada, sem se mexer. Fez Donna repetir o que havia dito e depois correu até o carro. A bateria estava arriada. Entorpecida de medo, correu de volta para dentro e ligou para Charlie Carter, pai de Debbie e seu ex-marido. O divórcio, alguns anos antes, não tinha sido amistoso, e os dois raramente se falavam.

Ninguém atendeu na casa de Charlie. Uma amiga chamada Carol Edwards morava em frente ao apartamento de Debbie, do outro lado da rua. Peggy ligou para ela, disse que alguma coisa estava assustadoramente errada e pediu que Carol fosse olhar sua filha. Peggy ficou esperando, esperando. Por fim, ligou de novo para Charlie e ele atendeu.

Carol Edwards atravessou a rua correndo até o apartamento, notou os mesmos cacos de vidro e a porta da frente aberta. Entrou e viu o corpo.

Charlie Carter era um pedreiro de peitoral largo que trabalhava ocasionalmente como segurança na Coachlight. Ele pulou na picape e foi para o apartamento da filha, com todos os pensamentos horríveis que um pai poderia ter. A cena era pior do que qualquer coisa que ele seria capaz de imaginar.

Quando viu o corpo, chamou o nome dela duas vezes. Ajoelhou-se a seu lado, levantou gentilmente o ombro de Debbie para ver seu rosto. Havia uma toalhinha ensanguentada enfiada em sua boca. Ele teve certeza de que a filha estava morta, mas mesmo assim aguardou, esperando por algum sinal de vida. Quando isso não aconteceu, levantou-se devagar e olhou em volta. A cama tinha sido tirada do lugar, empurrada para longe da parede, estava sem as cobertas, o quarto uma verdadeira bagunça. Obviamente tinha havido uma luta. Ele foi até a sala e viu as palavras na parede, depois foi até a cozinha e olhou ao redor. Agora o lugar era cena de um crime. Charlie enfiou as mãos nos bolsos e saiu.

Donna Johnson e Carol Edwards estavam no patamar do lado de fora da porta, chorando e esperando. Ouviram Charlie dizer adeus à filha e que lamentava o que havia acontecido. Ao sair, cambaleando, ele também chorava.

– Devo chamar uma ambulância? – perguntou Donna.  
– Não – respondeu ele. – Uma ambulância não vai adiantar. Ligue para a polícia.

OS PARAMÉDICOS CHEGARAM primeiro. Eram dois. Subiram rapidamente a escada, entraram no apartamento e depois de alguns segundos um deles saiu de novo e estava no patamar, vomitando.

Quando o detetive Dennis Smith chegou, a rua estava movimentada com policiais, paramédicos, curiosos e até dois promotores da cidade. Ao perceber que provavelmente se tratava de um homicídio, ele isolou a área e proibiu a entrada de vizinhos.

Capitão, veterano de dezessete anos no Departamento de Polícia de Ada, Smith sabia o que fazer. Tirou todo mundo do apartamento, ficando apenas ele próprio e outro detetive, e em seguida mandou os outros policiais para a vizinhança, bater às portas, procurar testemunhas. Smith estava enfurecido e lutando contra as próprias emoções. Conhecia bem Debbie; sua filha e a irmã mais nova de Debbie eram amigas. Conhecia Charlie Carter e Peggy Stillwell, e não conseguia acreditar que a filha deles estava morta no chão do próprio quarto. Quando a cena do crime ficou sob controle, ele começou a examinar o apartamento.

Os vidros no patamar da escada eram de uma janelinha quebrada na porta da frente, e os cacos tinham caído tanto para dentro quanto para fora. Na sala havia um sofá à esquerda, cujas almofadas tinham sido espalhadas. Na frente encontrou uma camisola de flanela, nova, ainda com a etiqueta do Walmart. Na parede do outro lado do cômodo, analisou a mensagem e soube imediatamente que ela fora escrita com esmalte de unha. “Jim Smith próximo morrer”.

Ele conhecia Jim Smith.

Na cozinha, numa mesinha quadrada, viu outra mensagem, aparentemente escrita com ketchup: “Não procura nós senão”. No piso perto da mesa viu uma calça jeans e um par de botas. Logo ficaria sabendo que Debbie tinha usado aquela roupa na noite anterior, na Coachlight.

Foi até o quarto, onde a cama bloqueava parcialmente a porta. A janela estava aberta, as cortinas puxadas, e o cômodo muito frio. Uma luta violenta havia precedido a morte; o chão estava cheio de roupas, lençóis, cobertas,

bichos de pelúcia. Nada parecia no lugar. Quando se ajoelhou ao lado do corpo de Debbie, o detetive Smith notou a terceira mensagem deixada pelo assassino. Nas costas dela, com o que parecia ser ketchup seco, estavam as palavras “Duke Gram”.

Ele conhecia Duke Gram.

Embaixo do corpo dela havia um cabo de eletricidade e um cinto estilo caubói com uma grande fivela prateada. O nome “Debbie” estava gravado no centro da fivela.

Enquanto o policial Mike Kieswetter, também do Departamento de Polícia de Ada, fotografava a cena, Smith começou a recolher provas. Encontrou fios de cabelo e pelos no corpo, no chão, na cama, nos bichos de pelúcia. Pegou metodicamente cada fio, colocou numa folha de papel dobrada e anotou exatamente onde os havia encontrado.

Removeu, etiquetou e ensacou os lençóis, as fronhas, os cobertores, o cabo de eletricidade e o cinto, uma calcinha rasgada que encontrou no chão do banheiro, alguns bichos de pelúcia, um maço de Marlboro, uma lata de 7-Up vazia, um frasco de xampu, guimbas de cigarro, um copo da cozinha, o telefone e alguns pelos encontrados embaixo do corpo. Enrolado num lençol perto de Debbie estava um frasco de ketchup Del Monte. Ele também foi cuidadosamente ensacado para ser examinado no laboratório de criminologia do estado. Faltava a tampa, porém mais tarde ela seria encontrada pelo médico-legista.

Quando terminou de recolher as provas, o detetive Smith começou a coletar digitais, algo que tinha feito diversas vezes em muitas cenas de crime. Borrifou o pó nos dois lados da porta da frente, nos caixilhos das janelas, em todas as superfícies de madeira do quarto, na mesa da cozinha, nos cacos de vidro maiores, no telefone, nas esquadrias pintadas das portas e janelas, e até no carro de Debbie estacionado do lado de fora.

Gary Rogers era um agente do Departamento de Investigações do Estado de Oklahoma, ou DIEO, que morava em Ada. Quando chegou ao apartamento, por volta de meio-dia e meia, foi posto a par de tudo por Dennis Smith. Os dois eram amigos e tinham trabalhado juntos em muitos casos.

No quarto, Rogers notou o que parecia uma pequena mancha de sangue perto da base da parede sul, logo acima do rodapé e junto a uma tomada. Mais tarde, depois de o corpo ser removido, ele pediu que o policial Rick

Carson cortasse uma seção de 10 centímetros do *drywall* e preservasse a impressão digital de sangue.

Dennis Smith e Gary Rogers compartilharam a sensação inicial de que havia mais de um assassino. O caos do lugar, a ausência de marcas de amarração nos tornozelos e pulsos de Debbie, o enorme trauma na cabeça, a toalhinha enfiada na boca, os hematomas no corpo e nos braços, o uso provável do cabo de eletricidade e do cinto – simplesmente parecia violência demais para apenas um assassino. Debbie não era pequena: media 1,72 metro e pesava 59 quilos. Era voluntariosa e sem dúvida lutaria corajosamente para salvar sua vida.

O Dr. Larry Cartmell, médico-legista local, chegou para uma breve inspeção. Sua opinião inicial foi de que a causa da morte tinha sido estrangulamento. Autorizou a remoção do corpo e o liberou para Tom Criswell, dono da funerária local. O corpo foi levado para o instituto médico legal em Oklahoma City num carro fúnebre de Criswell, onde chegou às 18h25 e foi posto numa unidade refrigerada.

O DETETIVE SMITH e o agente Rogers voltaram ao Departamento de Polícia de Ada e passaram algum tempo com a família de Debbie Carter. Enquanto tentavam consolar os pais, também anotaram nomes. Amigos, namorados, colegas de trabalho, inimigos, ex-chefes, qualquer pessoa que conhecesse Debbie e pudesse saber alguma coisa sobre a morte. À medida que a lista crescia, Smith e Rogers começaram a telefonar para os homens que Debbie conhecia. O pedido era simples: por favor venha ao departamento de polícia e forneça digitais e amostras de saliva, cabelo e pelos pubianos.

Ninguém se recusou. Mike Carpenter, o segurança da Coachlight que tinha visto Debbie no estacionamento com Glen Gore por volta de meia-noite e meia, foi um dos primeiros a se oferecer para dar informações. Tommy Glover, outra testemunha do encontro de Debbie com Gore, foi rápido em fornecer amostras.

Por volta das sete e meia da noite do dia 8 de dezembro, Glen Gore apareceu no Harold's Club, onde estava escalado para ser DJ e servir bebidas no bar. O local estava praticamente vazio, e quando ele perguntou por que havia tão pouca gente alguém contou sobre o assassinato. Muitos fregueses,

e até alguns funcionários do Harold's, estavam na delegacia respondendo a perguntas e tendo as digitais coletadas.

Gore correu até a delegacia, onde foi interrogado por Gary Rogers e D. W. Barrett, um policial de Ada. Contou a eles que conhecia Debbie Carter desde o ensino médio e a tinha visto na Coachlight na noite anterior.

O relatório do interrogatório de Gore na polícia é o seguinte:

Glen Gore trabalha no Harold's Club como DJ. Susie Johnson contou a Glen sobre Debbie no Harold's Club por volta das 19h30 de 8/12/82. Glen estudou com Debbie. Glen a viu na segunda-feira, 6 de dezembro, no Harold's Club. Glen a viu em 7/12/82 na Coachlight. Os dois falaram sobre pintar o carro de Debbie. Ela não disse nada a Glen sobre ter problemas com alguém. Glen foi com Ron West até a Coachlight por volta das 22h30. Saiu com Ron por volta de 1h15. Glen nunca esteve no apartamento de Debbie.

O relatório foi preparado por D. W. Barrett, testemunhado por Gary Rogers e arquivado junto com dezenas de outros.

Mais tarde, Gore mudaria sua história dizendo que tinha visto um homem chamado Ron Williamson importunando Debbie na boate na noite de 7 de dezembro. Essa nova versão não seria comprovada por ninguém. Muitos dos presentes conheciam Ron Williamson, um beberrão um tanto famoso e falastrão. Ninguém se lembrava de tê-lo visto na Coachlight; na verdade, a maioria dos interrogados declarou enfaticamente que ele não estava lá.

Quando Ron Williamson ia a um bar, todo mundo ficava sabendo.

Estranhamente, no meio de todas as coletas de digitais e fios de cabelo em 8 de dezembro, Gore conseguiu se esquivar. Escapou, foi convenientemente ignorado, ou simplesmente negligenciado. Qualquer que tenha sido o motivo, não coletaram suas digitais e ele não forneceu saliva nem amostras de cabelo ou pelos.

Mais de três anos e meio iriam se passar até que a polícia de Ada finalmente coletasse amostras de Gore, a última pessoa vista com Debbie Carter antes do assassinato.

\* \* \*

ÀS TRÊS DA TARDE do dia seguinte, 9 de dezembro, o Dr. Fred Jordan, médico-legista e patologista forense do estado, realizou a autópsia. Estavam presentes o agente Gary Rogers e Jerry Peters, também do DIEO.

O Dr. Jordan, veterano de mil autópsias, notou, em primeiro lugar, que era o corpo de uma jovem branca, nua a não ser por um par de meias brancas. O *rigor mortis* era completo, o que significava que ela estava morta havia pelo menos 24 horas. No peito, com o que parecia ser esmalte vermelho, estava escrito “morra”. Outra substância vermelha, provavelmente ketchup, estava espalhada sobre o corpo. Nas costas, também com ketchup, estava escrito “Duke Gram”.

Havia vários hematomas pequenos nos braços, no peito e no rosto. Ele notou pequenos cortes na parte interna dos lábios, e, enfiada até o fundo da garganta e saindo pela boca, havia uma toalhinha esverdeada e suja de sangue, que ele removeu cuidadosamente. Havia abrasões e hematomas no pescoço, num semicírculo. A vagina estava machucada. O reto estava bastante dilatado. Depois de examiná-lo, o Dr. Jordan encontrou e tirou uma pequena tampa de metal, de algum frasco de plástico.

O exame interno não revelou nada inesperado: pulmões colapsados, coração dilatado, alguns pequenos hematomas no couro cabeludo, mas nenhum ferimento no cérebro.

Todos os ferimentos tinham sido infligidos enquanto ela ainda estava viva.

Não havia qualquer indicação de amarração nos pulsos e nos tornozelos. Vários hematomas pequenos nos antebraços eram provavelmente ferimentos de defesa. O volume de álcool no sangue na hora da morte era baixo, 0,04. Foi recolhido material da boca, da vagina e do ânus. Exames microscópicos revelariam mais tarde a presença de espermatozoides na vagina e no ânus, mas não na boca.

Para preservar as provas, o Dr. Jordan cortou as unhas dela, raspou amostras do ketchup e do esmalte, recolheu pelos pubianos soltos e também cortou um tufo de cabelo.

A causa da morte era asfixia, provocada por uma combinação da toalhinha sufocando-a com o cinto ou o fio de eletricidade a estrangulando.

Quando o Dr. Jordan terminou a autópsia, Jerry Peters fotografou o corpo e coletou um conjunto completo de impressões digitais e palmares.

\* \* \*

PEGGY STILLWELL ESTAVA perturbada a ponto de não conseguir raciocinar nem tomar decisões. Não se importou com quem planejaria o velório nem com o que seria planejado, porque não compareceria. Não conseguia comer nem tomar banho, e certamente não conseguia aceitar que a filha estivesse morta. Uma de suas irmãs, Glenna Lucas, ficou com ela e assumiu o controle aos poucos. O velório foi organizado, e a família informou educadamente a Peggy que esperava que ela comparecesse.

O funeral de Debbie aconteceu no sábado, 11 de dezembro, na capela da funerária Criswell. Glenna deu banho em Peggy e a vestiu, depois a levou ao velório e segurou sua mão o tempo todo.

Na área rural de Oklahoma, praticamente todos os velórios aconteciam com o caixão aberto e posicionado logo abaixo do púlpito, de modo que o falecido ficasse à vista dos enlutados. Os motivos para isso não eram claros e foram esquecidos, mas o efeito é acrescentar mais uma camada de agonia para os que sofrem.

Com o caixão aberto, ficou óbvio que Debbie tinha sido espancada. Seu rosto estava machucado e inchado, mas uma blusa de renda com gola alta escondia as marcas do estrangulamento. Além disso, ela foi enterrada com sua calça jeans e botas prediletas, com um cinto de caubói de fivela grande e um anel de diamante em forma de ferradura, que sua mãe já havia comprado para lhe dar no Natal.

O reverendo Rick Summers conduziu a cerimônia diante de um grande número de pessoas. Depois, com uma fraca neve caindo, Debbie foi enterrada no cemitério Rosedale. Deixou pais, duas irmãs, dois dos quatro avós e dois sobrinhos. Ela fazia parte de uma pequena igreja batista, onde fora batizada aos 6 anos.

O assassinato abalou Ada. Ainda que a cidade tivesse uma rica história de violência e mortes, em geral as vítimas eram caubóis, andarilhos e pessoas do tipo, homens que, se não tivessem recebido uma bala, provavelmente disparariam alguma no devido tempo. Mas o estupro e o assassinato tão brutais de uma jovem eram algo aterrorizante, e a cidade fervilhou com fofocas, especulações e medo. Janelas e portas foram trancadas à noite. Foram estabelecidos rígidos toques de recolher para os adolescentes. Jovens mães ficavam perto dos filhos enquanto eles brincavam à sombra nos gramados na frente de suas casas.

E nos bares de música country se falava de pouca coisa além disso. Como

Debbie circulava bastante, muitos fregueses a conheciam. Ela tivera vários namorados, e nos dias que se seguiram à morte a polícia os interrogou. Nomes foram citados, mais amigos, mais conhecidos, mais namorados. Dezenas de entrevistas trouxeram mais nomes, porém nenhum suspeito de verdade. Ela era uma garota muito popular, querida e sociável, e era difícil acreditar que alguém quisesse lhe fazer mal.

A polícia elaborou uma lista de 23 pessoas que estavam na Coachlight na noite de 7 de dezembro e interrogou a maioria. Ninguém se lembrava de ter visto Ron Williamson, ainda que a maioria o conhecesse.

Dicas, histórias e lembranças de personagens estranhos jorravam no departamento de polícia. Uma jovem chamada Angelia Nail contatou Dennis Smith e contou sobre um encontro com Glen Gore. Ela e Debbie Carter eram amigas íntimas, e Debbie estava convencida de que Gore tinha roubado os limpadores de para-brisa do seu carro. A situação virou uma disputa. Ela conhecia Gore desde o ensino médio e tinha medo dele. Cerca de uma semana antes do assassinato, Angelia levou Debbie de carro até a casa onde Gore morava, para confrontá-lo. Debbie desapareceu dentro da casa e conversou com Gore. Quando voltou ao carro, estava com raiva e convencida de que ele tinha pegado os limpadores. As duas foram até a delegacia e falaram com um policial, mas não foi feita nenhuma denúncia formal.

DUKE GRAHAM E Jim Smith eram bem conhecidos pela polícia de Ada. Graham, junto com sua mulher, Johnnie, tinha uma boate, um lugar razoavelmente civilizado onde eles toleravam pouca encrenca. As brigas eram raras, mas tinha acontecido uma particularmente feia com Jim Smith, um bandidinho local. Smith estava bêbado e causando problemas e, quando se recusou a ir embora, Duke pegou uma espingarda e o expulsou. Os dois trocaram ameaças, e durante alguns dias as coisas ficaram tensas na boate. Smith era do tipo que poderia voltar com sua própria espingarda e começar a atirar.

Glen Gore tinha sido frequentador da boate de Duke, até que passou tempo demais flertando com Johnnie. Quando ficou agressivo além da conta, ela lhe deu uma chave de braço e Duke assumiu o controle. Gore foi banido do lugar.

Quem matou Debbie tentou desajeitadamente culpar Duke Graham e ao

mesmo tempo amedrontar Jim Smith, que já estava longe: cumpria pena numa prisão estadual. Duke Graham foi até a delegacia e forneceu um álibi consistente.

A FAMÍLIA DE Debbie foi informada de que o apartamento que ela alugava precisava ser esvaziado. Sua mãe ainda não estava em condições de fazer nada. Sua tia, Glenna Lucas, se ofereceu para a tarefa desagradável.

Um policial destrancou o apartamento e Glenna entrou lentamente. Nada fora mexido desde o assassinato, e a primeira reação dela foi de raiva. Obviamente havia acontecido uma briga. Sua sobrinha tinha lutado desesperadamente pela vida. Como alguém era capaz de infligir tanta violência contra uma garota tão doce e bonita?

O apartamento estava frio, com um cheiro ofensivo que ela não conseguiu identificar. As palavras “Jim Smith próximo morrer” ainda estavam na parede. Glenna olhou incrédula a mensagem mal escrita. Aquilo demorou para ser feito, pensou. Ele ficou ali por muito tempo. Sua sobrinha havia acabado de morrer depois de um sofrimento brutal. No quarto, o colchão estava encostado na parede e nada se encontrava no lugar. No armário, nenhum vestido ou blusa nos cabides. Por que o assassino arrancaria todas as roupas dela dos cabides?

A pequena cozinha estava desarrumada, mas não havia sinais de luta. A última refeição de Debbie tinha incluído batatas congeladas – Tater Tots –, e os restos estavam intocados num prato de papel com ketchup. Havia um saleiro ao lado do prato, numa mesinha branca que ela usava para as refeições. Perto do prato havia outra mensagem grosseira: “Não procura nós senão”. Glenna sabia que o assassino tinha usado ketchup para escrever algumas daquelas coisas. Ficou impressionada com os erros gramaticais.

Glenna conseguiu bloquear os pensamentos terríveis e começou a juntar as coisas. Demorou duas horas para reunir e encaixotar as roupas, os pratos, as toalhas e outras coisas. A colcha suja de sangue não tinha sido levada pela polícia. Ainda havia sangue no chão.

Ela não tinha planejado limpar o apartamento, só pegar os pertences de Debbie e sair o quanto antes. Mas era estranho deixar para trás as palavras do assassino escritas com o esmalte de Debbie. E havia algo errado em deixar as manchas de sangue dela no chão, para outra pessoa limpar.

Pensou em lavar o local, cada centímetro, remover cada traço do assassinato. Mas Glenna já tinha visto o bastante. Estava mais perto da morte do que gostaria.

O INTERROGATÓRIO DOS suspeitos de sempre continuou nos dias seguintes ao assassinato. Um total de 21 homens forneceu impressões digitais e amostras de cabelo, pelos ou saliva. Em 16 de dezembro, o detetive Smith e o agente Rogers foram até o laboratório de criminologia do DIEO, em Oklahoma City, e entregaram as provas recolhidas da cena do crime, junto com amostras coletadas de dezessete homens.

O pedaço de *drywall* de 10 centímetros era a prova mais promissora. Se a impressão de sangue tinha sido mesmo deixada na parede durante a luta e o assassinato, e se não fosse de Debbie Carter, a polícia teria uma pista sólida que finalmente levaria ao assassino. O agente Jerry Peters, do DIEO, examinou o pedaço de *drywall*, e comparou cuidadosamente as marcas com as impressões tiradas de Debbie durante a autópsia. Seu primeiro palpite foi de que as impressões não pertenciam a ela, mas queria rever a análise.

Em 4 de janeiro de 1983, Dennis Smith forneceu mais digitais. No mesmo dia as amostras de cabelo e pelos de Debbie Carter e da cena do crime foram entregues a Susan Land, analista de cabelos e pelos do DIEO. Duas semanas depois, mais amostras da cena do crime chegaram à mesa dela. Foram catalogadas, acrescentadas às outras e postas numa longa fila para algum dia serem examinadas e analisadas por Land, que estava com excesso de trabalho e lutando com casos atrasados. Como a maioria dos laboratórios de criminologia, o de Oklahoma tinha pouca verba, poucos funcionários, e sofria uma pressão enorme para solucionar crimes.

Enquanto esperavam os resultados do DIEO, Smith e Rogers continuaram procurando pistas. O assassinato ainda era a notícia mais comentada em Ada, e as pessoas queriam que fosse resolvido. Mas depois de falar com todos os barmen, seguranças, namorados e frequentadores da noite, a investigação estava rapidamente virando algo enfadonho. Não havia um suspeito claro; não havia pistas claras.

Em 7 de março de 1983, Gary Rogers interrogou Robert Gene Deatherage, morador da cidade. Deatherage tinha acabado de cumprir uma pena curta na cadeia do condado de Pontotoc por dirigir embriagado. Havia

dividido uma cela com um tal de Ron Williamson, preso pelo mesmo delito. As conversas sobre o assassinato de Debbie corriam soltas na cadeia, com uma enorme quantidade de teorias loucas sobre o que teria acontecido, e não faltavam alegações de que pessoas de dentro sabiam de algo. Os colegas de cela conversaram sobre o assassinato em várias ocasiões e, segundo Deatherage, essas conversas pareciam incomodar Williamson. Eles discutiam com frequência e até trocavam socos. Logo Williamson foi transferido para outra cela. Deatherage passou a ter a vaga impressão de que Ron tinha alguma participação no assassinato e sugeriu a Gary Rogers que a polícia se concentrasse em Williamson como suspeito.

Era a primeira vez que o nome de Ron Williamson era mencionado na investigação.

Dois dias depois a polícia interrogou Noel Clement, um dos primeiros homens a fornecer digitais e amostras de cabelos e pelos. Clement contou que Ron Williamson tinha visitado seu apartamento pouco tempo antes, supostamente procurando outra pessoa. Williamson entrou sem bater, viu um violão, pegou-o e começou a conversar com Clement sobre o assassinato de Debbie Carter. Durante a conversa, Williamson disse que quando viu os carros da polícia no bairro, na manhã do assassinato, achou que os policiais estavam atrás dele. Disse que tivera problemas em Tulsa e estava tentando evitar mais encrencas em Ada.

ERA INEVITÁVEL QUE a polícia chegasse a Ron Williamson. Na verdade, era estranho que tivessem levado três meses para interrogá-lo. Uns poucos policiais, inclusive Rick Carson, tinham crescido com ele, e a maioria se lembrava de Ron dos tempos do beisebol no ensino médio. Em 1983 ele ainda era o atleta mais importante que Ada havia produzido. Quando assinou um contrato com os Oakland A's em 1971, muitas pessoas, inclusive o próprio Williamson, sem dúvida achavam que ele poderia ser o próximo Mickey Mantle, o próximo grande jogador saído de Oklahoma.

Mas o beisebol havia ficado para trás havia muito tempo, e agora a polícia o conhecia como alguém desempregado, que tocava violão, morava com a mãe, bebia demais e agia de modo estranho.

Ele tinha algumas condenações por dirigir embriagado, uma por embriaguez em público, e má reputação vinda de Tulsa.

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

